



**ENCONTRO PROVINCIAL
DE EDUCADORES LASSALISTAS
Professor Gilberto Soares, Niterói/RJ**

Encontro de incerteza e perplexidade, diante da revolução tecnológica, ética e cultural, valorizadora do individualismo e do mercado e diante da sociedade espetáculo na qual a estética vale mais do que a ética.

Encontro de coragem e perseverança, por buscar soluções de inclusão social num contexto globalizado no qual o capitalismo hegemônico se reproduz, sem a necessidade de incluir as massas populares.

Encontro de educadores lassalistas que, inspirados pela mística de La Salle, conjugam espiritualidade e racionalidade, para enfrentar o desafio de associar-se para o serviço educativo aos pobres.

Encontro vivo e permanente que convida a práticas, reflexões e orações. Por isso:

Oremos para que a humanidade encontre uma nova forma de convivência, centrada na **preservação da qualidade de vida**.

Oremos pelo **resgate da espiritualidade**, sem a qual permaneceremos distantes da utopia da fraternidade universal.

Oremos por um **equilíbrio ecológico**, que preserve a vitalidade e a diversidade do planeta.

Oremos para que os **excluídos se integrem** às sociedades sustentáveis, democráticas e solidárias.

Oremos para que consigamos **traduzir em atos a doutrina religiosa católica**. Através dela a generosidade, a justiça e a solidariedade se incorporarão às nossas ações.

Oremos para que se aguçe em nós a percepção de que **a salvação parte do indivíduo, mas só é possível coletivamente**. Enquanto houver um irmão sofrendo, devemos nos comprometer com sua dor.

Oremos pela **Ética de Responsabilidade** que, baseada no contexto e nos efeitos que podem causar nossas ações, busca o consenso e a participação.

Oremos pelo **atendimento dos pedidos** mais simples de cada um de nós. Eles revelam nossa fragilidade, mas indicam também que só confiamos em soluções vindas por inspiração divina, porque se norteiam pelos princípios do amor solidário.

Oremos para que o **espírito do EPEL 2003 se propague**, dando mais sentido e coerência às nossas práticas pedagógicas e ao exercício da cidadania!

Foi Deus quem vos chamou e destinou a este emprego e vos enviou a trabalhar em sua vinha. Fazei-o, portanto, com todo o afeto do vosso coração e como quem trabalha unicamente para Deus!

De La Salle

Meditação 201,1

**FORMATIVO
FAMÍLIA LASSALISTA**

E-MAIL:
ser@lasallebotucatu.com.br

NA INTERNET:
www.lasalle.org.br



GRAU DE PERTENÇA

A Proposta Educativa da Província de São Paulo, reeditada em 2002, e o Projeto Educativo Regional Lassalista Latino-Americano, ambos reunidos num só livrinho, foram entregues a todos os colaboradores: professores, coordenadores e funcionários, no início de 2003. Foi um investimento pedagógico importante que agora já deve produzir frutos. É um instrumento norteador para o exercício do cargo e missão de cada um e para o crescimento no grau de pertença. O Ir. Nery, Coordenador da Comissão Missão Educativa da Província, sintetizou o documento em uma coleção de eslaides, em data show, que ele mesmo produziu e enviou a todas as obras da Província. Fez, inclusive, a apresentação de seu conteúdo em vários colégios, durante a semana pedagógica. É hora de lembrar o compromisso de releitura do texto, de reflexão e de avaliação. A Proposta Educativa apresenta o “pão nosso de cada dia” de todos nós, dedicados à educação. Quem dele se alimenta desenvolve a espiritualidade típica do educador e adquire sua mística. Em consequência sente-se pertencer sempre mais à Família Lassalista.

Todos os integrantes de uma família cultivam o espírito de pertença que está, muitas vezes e antropologicamente, mais ligada com o sangue do que com o espírito, mais efeito da natureza do que da educação e formação. Na condição de membros da Família Lassalista, descobrimos novas dimensões de fraternidade e de pertença. São as do **espírito** que cria e fortalece laços; as da **alma** que anima e contagia; as do mesmo **ideal** de educar que nos encanta e irmana; as da **cultura** que nos torna mais semelhantes; as da **utopia** que nos fascina. Sentimo-nos irmãos e irmãs de todos, pertencentes a uma nova família. Vibramos ao encontrar-nos. Saudamo-nos com muita alegria e todos os dias com ar de novidade.

Consideramos o grau de pertença de todos os envolvidos na comunidade educativa como algo fundamental

para que a obra funcione bem e sempre melhor. Assim, pessoalmente, cada um deve tomar consciência do quanto ele mesmo pertence à obra de educação para a qual está contratado e vocacionado, e quanto sente que essa obra também é sua, sob os pontos de vista afetivo, espiritual, psicológico e social. Aqui não se trata de uma obra material, de pertença econômica, mas de outro nível, como o leitor facilmente poderá entender.

Seguem alguns elementos para a reflexão de nossos colaboradores, a fim de que possam avaliar seu grau de pertença, como educadores lassalistas. Que a consideração desses elementos também tenha o poder de despertar, em todos, vontade maior de pertença à Família Lassalista:

* **Criação e estreitamento de laços de fraternidade e de ligação afetiva.** Trata-se de um irmanamento espiritual que suscita confiança mútua no grupo, solidariedade entre os membros, ambiente de respeito e de bem-estar.

* **Incremento de uma nova forma de socialização.** Por ela se descobre a satisfação do encontro com o **grupo identificador** que cultiva os mesmos ideais, graças à mesma profissão e missão. S. J. B. de La Salle nos propõe excelente doutrina para desenvolver essa característica, ou esse “status” de nossa pertença, quando propõe, ao primeiro grupo de educadores que ele formou, o sentido do **“juntos e por associação”**. É um processo poderoso para formar o novo espírito de família, daí a expressão “Família Lassalista”. A pessoa que teve uma boa experiência de vida em sua família natural, certamente terá mais facilidade de integração e pertença efetiva à nova família ampliada. E quem não teve a mesma sorte, encontrará nesta nova família uma oportunidade de viver os valores humanos e familiares tão importantes para a vida pessoal. Desta forma, na Família Lassalista reduz-se, e talvez até se anula, o isolamento e a solidão e produz-se a integração e a inclusão

por força de ação solidária. Portanto, todos têm a se enriquecer pela nova pertença.

* **Desenvolvimento de uma mística específica.** Ela consiste num espírito de fé que impulsiona a pessoa a crer na missão educativa com valor salvífico imprescindível para a sociedade humana.

O grau de pertença à Família Lassalista sobe na proporção em que o educador:

a) assume a espiritualidade e a mística próprias de sua profissão e missão;

b) cresce em espírito de gratuidade, transformando sua vida em dom. No educador, imbuído desse espírito, não há lugar para ambição mercenária;

c) adquire e adota o conceito de pessoa humana como S. J. B. de La Salle a concebia;

d) desenvolve convicções religiosas e de fé largamente abordadas nos muitos documentos do Instituto e nos escritos do Fundador;

e) cria afinidades e habilidades pedagógicas, de ternura e de firmeza, pelas quais conquista o coração dos educandos;

f) ultrapassa os limites do simples profissionalismo e assume dimensões vocacionais na vida.

***Sugestão:** Nas reuniões de reflexão dos grupos de Família Lassalista podem ser acrescentados a esta lista outros elementos de grau de pertença).*

Ao crescer no grau de pertença, junto com os demais membros da Família Lassalista, o educador se forma um rosto sem o qual não pode mais viver, estreita relações humanas específicas que lhe suscitarão saudades e adota práticas pedagógicas que o farão proclamar: **“Aqui é o meu lugar! A ele sempre retornarei! Nele encontrei uma nova família e dela não abro mão!”**

Admitindo que a inteligência é a capacidade de resolver problemas, nos deparamos de imediato com o desafio da criatividade. Também o processo educativo traz implícita a concepção de que o desenvolvimento de qualquer área da vida humana implica em atos criativos, pois que toda mudança é criação.

A criatividade tem algo a ver com sair do formal, do pré-estabelecido para assumir a originalidade. Isto supõe por sua vez um pensamento divergente, no sentido de gerar um leque de alternativas de solução, incluído nele, por um lado, o risco de erros, por outro, a maior possibilidade de soluções originais.

Nestes termos testes de QI, assim como muitos esquemas de provas de conhecimentos aplicados nas escolas, parecem ter pouco a ver com criatividade. Com efeito quando falamos em criatividade estamos lidando com uma grande variedade de características humanas que fogem do formal, se inibem diante da pressão típica daquelas circunstâncias, encerram senso de humor, não se alinham com a produção imediata; movem-se pelo simbólico e imaginativo mais que por conhecimentos estandardizados. Entre as características ou traços relacionadas à criatividade e a pessoas criativas, podem ser citadas:

a) **Flexibilidade** de pensamento e de comportamento diante de uma situação problema, conseguindo encontrar soluções de diferentes naturezas e adaptá-las a situações diversificadas.

b) **Curiosidade** como força pessoal interna que leva ao olhar, ao toque, à atenção, à experimentação.

c) **Sensibilidade** ao ambiente como capacidade de percepção do belo ou do significativo, do potencialmente envolvente e atrativo.

d) **Autonomia** como capacidade de criar e responder a problemas, elaborar questões e trabalhá-las.

e) **Iniciativa** que leva a procurar soluções por própria conta, conduzir-se em seu trabalho e ditar normas para que as soluções possam acontecer.

f) **Persistência** que vence as baixas de ânimo eventualmente causadas pelos erros ou demoras.

g) **Motivação** intrínseca, uma vez que a escolha do tema, do problema, nasce no interior da pessoa porque lhe fala de alguma forma.

Quatro estágios podem ser considerados na abordagem do ato criativo:

01. Preparação, que consiste em reconhecer uma situação como potencialmente dada à criação

02. Incubação, que é aquele tempo de curtir, às vezes a nível inconsciente, o tema percebido.

03. Inspiração, que é o momento do “estalo” criativo, quando uma torrente de idéias vem à mente.

04. Verificação, quando a idéia é passada para o papel tornando-se visível, perceptível, audível.

Difícil mesmo é jogar o mundo da criatividade para o contexto da Escola. Por um lado ela envolve uma grande quantidade de pessoas, uma programação, normas necessárias dentro de qualquer sociedade que deseja crescer e manter-se na história, uma organização que tende a compartimentalizar procedimentos, idades, níveis de conhecimento, períodos do tempo, atividades. Por

outro lado mantém como ideal o atendimento a necessidades e desejos individuais, os programas flexíveis, e a descoberta gradativa dos conhecimentos.

O nó que amarra de forma equilibrada estes dois pólos da vida escolar pode estar na pessoa do professor. Nas mãos, na palavra e na atitude dele está a oportunidade das crianças de desenvolver respostas de forma inédita ou de dar respostas esperadas. Na atenção, dedicação e esforço do professor está a superação de algumas limitações do sistema escolar.

No trabalho educativo a tendência é recompensar as respostas certas e penalizar as erradas. Como no processo criativo a chance de erro é maior, há uma boa possibilidade de o professor, consciente ou inconscientemente, inibir soluções novas. Assim, em nome da segurança o aluno evita o risco cognitivo descartando o esforço criativo. A solução seria de o professor encorajar e recompensar todo esforço criativo, o que supõe que ele esteja preparado para lidar com as surpresas dele resultantes. Também soluções que falham na verificação devem ser elogiadas pelo que representaram de tentativa imaginativa.

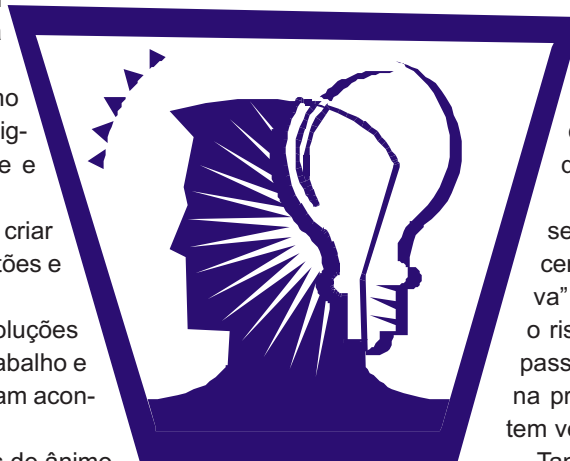
Outra limitação tem um fundo sociológico. Habitualmente no contexto escolar, em virtude de regras e procedimentos estabelecidos em função do bem comum, indivíduos com pensamento divergente, além de serem menos populares com os professores,

geram mais idéias tolas e bizarras criando no professor a tentação de não levá-los a sério. É preciso, pois, ter presente que criatividade não tem hora marcada e seu surgimento nem sempre é adequado às circunstâncias.

Urge, por parte do professor habituar-se a estudar as respostas do aluno para discernir dentre elas o que é “imaginação criativa” e o que é “fazer-se difícil”, para não correr o risco de sufocar o trigo com o joio e ainda passar aos demais alunos a impressão de que, na presença do professor a originalidade não tem vez.

Também o contexto formal ou informal da sala de aula pode ser superado pela atitude do professor, para gerar a criatividade. Em qualquer dos contextos, o professor indaga, que faz, provoca e ouve perguntas, que gera tempestades cerebrais (brainstorming) e reduz ao mínimo a restrição e a censura na manifestação de respostas, tem mais chance de suscitar espíritos criativos.

A necessidade de a escola trabalhar com conteúdos pré-fixados pelo currículo é também uma limitação a desafiar a competência do professor. Pode ele travar e bloquear a criatividade dos alunos expondo-lhes continuamente suas idéias, o que levaria os alunos a concentrar-se nelas e excluir a geração de idéias novas pessoais; ou dando a sua solução às questões em debate, o que valeria para os alunos como palavra autorizada e portanto certa, o que dispensaria novas buscas. Por outro lado pode manter as questões propositalmente abertas, questionantes; pode apresentar pistas, dicas e estímulos que incentivem o re-arranjo dos dados e a busca de soluções. Em suma, a geração de espíritos criativos não depende só das habilidades existentes mas de perguntas corretas que nós, como educadores fazemos.



O anseio de liberdade sempre agitou a alma humana. Tentou-se – através dos séculos – mitigar-lhe a agudeza das inquietações, sem que se conseguisse resultados satisfatórios. Ainda hoje, em nome da liberdade, se cometem muitos crimes. E nós estamos - com muito orgulho - adentrando o século XXI, sem atinarmos bem em que consiste a tão badalada liberdade. De fato, o que é mesmo liberdade? Quando é que eu posso dizer que sou livre?

Entre as muitas tentativas feitas para responder a essas perguntas, sobressai a intrigante idéia que tiveram alguns povos orientais, para os quais, liberdade é libertação. Esta afirmação extrapola os limites naturais e supõe uma abertura do espírito para as coisas do alto. Portanto, chega-se à liberdade por um processo de libertação espiritual.

Diríamos que a libertação consiste em pôr a consciência a salvo, não só das interferências exteriores, que podem tolher-lhe os passos, mas também, e, sobretudo, das influências interiores, provenientes do medo ou das perturbações do espírito, pois que, a serenidade de espírito é a condição indispensável para que se possa agir livremente.

Toda vez que a consciência se sentir pressionada, não está em condições de escolher o melhor para si, isto é, o que mais lhe convém para se realizar como pessoa responsável. Concluiremos que não pode haver liberdade onde não houver tranqüilidade suficiente para tomar decisões. E só tem a necessária tranqüilidade para decisões quem já se libertou, também, dos bloqueios íntimos – sempre prontos a deter o curso do pensamento – e vive em paz consigo mesmo. Mas “a paz é fruto da justiça” (Is.32,17) Para ser livre é preciso ser justo.

Há quem afirme que só é verdadeiro educador o mestre que for capaz de ilustrar a mente, mover o coração e decidir para o bem a vontade do educando. Acreditamos que, somente se tiver essa bagagem, estará o educando em condições de iniciar uma auspiciosa caminhada através da vida. Educar para a liberdade não

é impor, mas, dispor, propondo. Impor é escravizar. Dispor a vontade do educando a assumir compromissos e a tomar decisões próprias é agir com competência e responsabilidade profissional. Esta é uma estratégia de que não se pode dispensar o educador.

Certamente, não era outro o intento que La Salle tinha em mente, quando, na Meditação-139-3, nos interpela: “*Tendes uma fé capaz de comover o coração de vossos alunos e de lhes inspirar o espírito do cristianismo? Este seria o maior milagre que podeis fazer. É o milagre que Deus exige de vós, por ser a finalidade de vosso emprego*”. Conseguir que os alunos de hoje pratiquem o cristianismo seria realizar um verdadeiro milagre. E no dizer de La Salle, “Deus exige que façais” esse milagre. Ora, ninguém faz milagres a não ser Deus. Mas ele se vale das pessoas para que isso aconteça. Todo educador tem idoneidade suficiente para “comover o coração de seus alunos” pois que deve ser capaz de impressioná-los por sua conduta ética irrepreensível, tanto na dimensão cultural, quanto na da piedade. É este o milagre que Deus exige de vós: ser exemplo. Para isso nos escolheu, pois, é essa “a finalidade do vosso emprego”: comover os corações.

La Salle não era dado a beatices, nem a sonhos oníricos. Profundo conhecedor do ser humano, não se omitia diante da realidade. E a realidade que se lhe antepunha então, eram os meninos

abandonados, possuidores de uma alma imortal e de um corpo perecível. Duas dimensões inseparáveis que constituem o ser humano. Desenvolver uma, com detrimento da outra, seria criar mostrengos. Só se educa para a liberdade, desenvolvendo, harmoniosamente, essas duas dimensões, ainda que em estado latente para a criança. Para isso, na escola

cristã, não só devem brilhar os valores das disciplinas ditas profanas, mas, com prioridade, os valores espirituais, porque não há quem, em sã consciência, possa negar primazia a esses valores. É profundamente constrangedor saber que há “mestres” materialistas, ou, que se acanham a falar de Deus a seus alunos, como se estes não tivessem uma alma que – paralelamente ao corpo – deve ser alimentada com muito cuidado.

A genialidade pedagógica de La Salle se expressa de muitas maneiras. Assim é que, se admitirmos como verdadeiro o princípio de que, ser “homem” não é “arrebentar” com tudo o que vier pela frente, mas sim, tentar desenvolver em si mesmo e infundir nos outros tudo o que há de bem e de bom, então, podemos endossar, tranqüilamente, este ensinamento de La Salle: “*Em vosso emprego deveis ajuntar ao zelo pelo bem da Igreja o zelo pelo bem do Estado, cujos membros já começam a ser vossos discípulos e vão sê-los mais plenamente, amanhã. Procurareis o bem da Igreja, fazendo-os verdadeiros cristãos, obedientes às Verdades da Fé e às Máximas do Santo Evangelho. Procurareis o bem do Estado, ensinando-lhes a ler, a escrever e tudo quanto em vosso ministério visa a formação humana. Porém, é necessário que a piedade acompanhe os conhecimentos humanos, sem o que o vosso trabalho será pouco útil*” (Med. 160-3.)

No seu tempo não estava em voga o termo “libertação”. Assim mesmo, os seus ensinamentos preenchem, ainda hoje, as condições indispensáveis para que ela aconteça plenamente. Os dizeres acima – expressos num forte tom imperativo – evidenciam a importância que ele dava ao harmonioso desenvolvimento de todas as dimensões componentes do ser humano, no seu todo. Há, de fato, conhecimentos teóricos que devem ser administrados simultaneamente, tanto os que visam o bem da Igreja, como os que se destinam ao bem do Estado. Mas não podem ficar sós no plano das teorias especulativas, meramente racionais. “... é necessário que a piedade acompanhe os conhecimentos humanos” pois, não se pode fugir ao



HISTÓRIA DE AMOR

Colaboração de Maria da Graça Couto Cidade - Niterói/RJ

ensinamento do Mestre, quando nos diz que, de nada adiantaria conquistar o mundo todo e depois vir a perder a sua alma.

“A libertação do povo hebreu do Egito, narrada pelo Êxodo, é o marco histórico, em que a liberdade teve a sua definição, segundo os planos de Deus. O povo deveria deixar a terra da escravidão, para, num lugar retirado, encontrar-se com Deus.. “*O Deus dos hebreus marcou um encontro conosco. Deixamos ir a três dias de viagem no deserto, para oferecermos sacrifícios ao Senhor nosso Deus*” assim falou Moisés ao Faraó, segundo Ex, 5,3.

É importante observar que Deus quis, em primeiro lugar, a LIBERTAÇÃO; só depois disso se dispôs a receber o seu povo e a aceitar os seus sacrifícios. Deus se REVELA e aponta caminhos de SALVAÇÃO aos que passam por um processo de libertação. Só se pode servir a Deus, validamente, depois que se purificou o coração pela penitência e em plena liberdade.

“Para os teólogos da libertação, o processo da revelação e da salvação, se constitui num só processo. Toda vez que os homens foram libertando as pessoas escravizadas e oprimidas e elas passaram a viver num estado de justiça, Deus foi se lhes revelando para os salvar”.

“Se houve quem afirmasse que a teologia da libertação tendeu para o marxismo e pretendeu realizar-se num gesto puramente político e econômico, houve, também, desde o início, pessoas sérias que nela viram valores espirituais. Isso fica comprovado pelo comportamento das CEB – fruto dessa teologia – formadas de gente simples e pobre, mas que têm a percepção da realidade “à luz de Deus” donde tiram forças para superar as injustiças. A bem dizer, elas fazem uma teologia própria, cuja terminologia os teólogos aceitam.”

O processo de libertação – condição para a liberdade – é uma caminhada persistente e respeitosa, lado a lado à revelação divina.

Era uma vez uma ilha, onde moravam os seguintes sentimentos: a Alegria, a Tristeza, a Vaidade, a Sabedoria, o Amor e outros.

Um dia avisaram para os moradores desta ilha que ela ia ser inundada.

Apavorado, o Amor cuidou para que todos os sentimentos se salvassem; ele então falou:

- Fugam todos, a ilha vai ser inundada!

Todos correram e pegaram barquinho, para irem a um morro bem alto. Só o Amor não se apressou, pois queria ficar um pouco mais com a sua ilha.

Quando já estava se afogando, correu para pedir ajuda. Estava passando a Riqueza e ele disse:

- Riqueza, leve-me com você...

Ela respondeu:

- Não posso. Meu barco está cheio de ouro e prata e você não vai caber.

Passou então a Vaidade e ele pediu:

- Oh, Vaidade! Leve-me com você...

- Não posso. Você vai sujar meu barco.

Logo atrás vinha a Tristeza.

- Tristeza, posso ir com você?

- Ah, Amor! Estou tão triste que prefiro ir sozinha...

Passou a Alegria, mas estava tão alegre que nem ouviu o Amor chamar por ela.

Já desesperado, achando que ia ficar só, o Amor começou a chorar. Então passou um velhinho, que lhe falou:

- Sobe, Amor, que eu te levo.

O Amor ficou radiante de felicidade, que até esqueceu de perguntar o nome do velhinho.

Chegando no morro alto onde estavam os sentimentos, ele perguntou à Sabedoria:

- Sabedoria, quem era o velhinho que me trouxe aqui?

Ela respondeu:

- O Tempo.

- O Tempo? Mas, por que só o Tempo me trouxe aqui?

- Porque só o Tempo é capaz de ajudar e entender um grande Amor.



O amor não consiste em olhar um para o outro, mas sim em olhar juntos para a mesma direção.

Antoine de Saint-Exupéry

O coração da gente é como uma casa que não pode ficar vazia.

Menotti del Picchia

MENSAGEM DO EPEL

Encontro Provincial de Educadores Lassalistas

✿ Atentos aos apelos do 43º Capítulo Geral, inspirados por e em La Salle, em nome do Pai, segundo Jesus Cristo e com o sopro do Espírito Santo, reunimo-nos em São Paulo, no Centro Pastoral Santa Fé, de 1º a 3 de maio de 2003, no Encontro Provincial de Educadores Lassalistas.

✿ No EPEL procuramos estar atentos aos clamores educativos do mundo de hoje. O tema “Serviço educativo aos pobres” e o lema “La Salle e o clamor dos pobres” nos convidaram a ver, iluminar e agir não apenas levados pela paixão reveladora comum a grandes temas, mas debruçados sobre a consciência de uma operação concreta, de forma que o complexo seja viável, o sentido seja aguçado para as soluções das perplexidades fortalecidas pela pós-modernidade.

✿ Aqui tomamos consciência do nosso compromisso - projeto para hoje e para o futuro - com o clamor dos pobres. Sensíveis a este apelo, com ternura e firmeza, fazemos e faremos ações eficazes frente à dura realidade, resgatando assim a dignidade de cada pessoa. Desta forma, mantemos um movimento constante do olhar crítico que nos capacita a ver no pequeno o grande, no excluído a possibilidade de participação e inclusão.

✿ Este movimento exige de nós que percebamos a dura realidade, mas também que tenhamos corações sensíveis, além de um envolvimento constante no compromisso da fé e de sua expansão. É nele que descobrimos o esforço coletivo lassalista para denunciar os paradoxos, arrancar espantos, causar estranhamento, revelar o



que se oculta (ou não se quer ver).

✿ O que somos hoje é crucial: o objetivo de nosso encontro é a tentativa de compreender o processo de empobrecimento do homem e usar a palavra e a luz de São João Batista de La Salle para promover ações que impliquem, ao mesmo tempo, em amenizar os problemas dos pobres e desentranhar um amanhã que condense a força da palavra com a arte da ação.

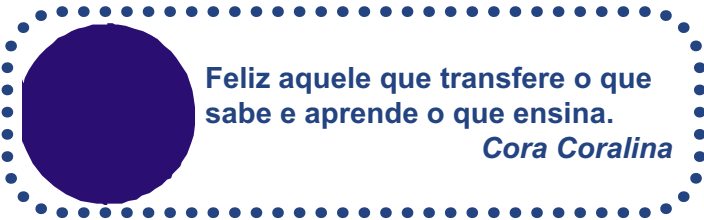
✿ A esperança e o amor ao próximo é o que nos impulsiona a buscar novos caminhos. A dura realidade pode e deve ser transformada com ações individuais, coletivas, institucionais e solidárias. Aqui, o iluminar das palestras, das reflexões e meditações do Evangelho nos deram “pistas” para o agir e contribuir com eficácia e paixão na construção da justiça e da fraternidade, num grande mutirão de solidariedade.

✿ Concluimos que a opção pelos pobres não é somente tema de palestras; que ser consciente não significa necessariamente ser solidário – mas nos impulsiona para isso; que a opção é pessoal e que Jesus Cristo nos ilumina e nos dá o sopro de vida. Dessa forma, o que pensamos, vemos e agimos não será apenas uma constatação do inevitável declínio da felicidade, mas um clamor pela esperança de um mundo que possibilite justiça, dignidade e esperança.

www.lasalle.org.br

Nós, educadores lassalistas, precisamos repensar nossa tarefa de contribuir significativamente ao **ALCANCE DA FELICIDADE** de nossos educandos. A razão última do docente está na pergunta: "Como tornar cada ato educativo direta e indiretamente um ato que faça do educando uma pessoa mais feliz?".

Temos urgência de colocar mais **CORAÇÃO** (amor, afeto, carinho...) e menos **CABEÇA** (racionalismo) na tarefa educativa que realizamos.



Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.
Cora Coralina

A situação social na qual vivemos parece que nos reclama isso. Existe uma ausência de felicidade num percentual muito alto de nossos alunos.

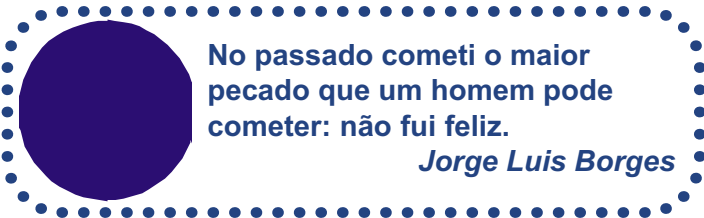
Talvez tenhamos feito muitas coisas, sem nos preocuparmos com a felicidade de nossos alunos. Colocar mais coração e menos cabeça naquilo que fazemos é precisamente aquilo que os nossos alunos esperam muitas vezes, que já sofrem carência afetiva familiar e social, pressionados por uma incerteza futura, pelos meios de comunicação.

La Salle, sobretudo nas suas meditações, insiste com frequência:

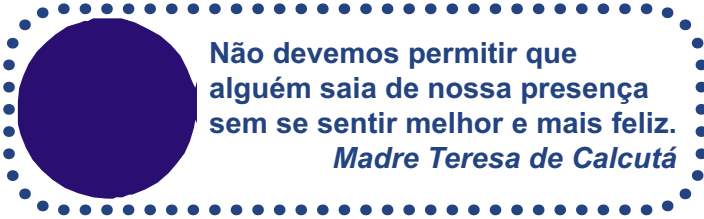
Em mover os corações: "O emprego que exercéis obriga-vos a mover os corações" (Med 43, 3).

Em converter os corações: "Convençei-vos de que a principal conversão é a do coração" (Med 175, 2).

Em gerar Jesus Cristo no coração das crianças: "Deus vos escolheu para gerar filhos a Jesus Cristo; ou até a gerar o próprio Jesus Cristo em seus corações" (Med 157, 1).



No passado cometi o maior pecado que um homem pode cometer: não fui feliz.
Jorge Luis Borges



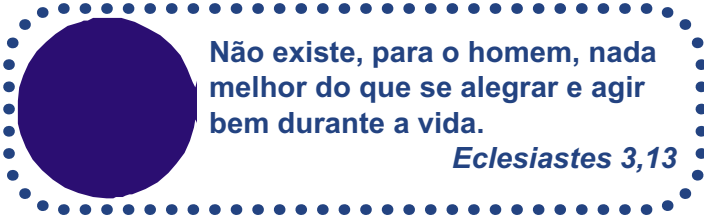
Não devemos permitir que alguém saia de nossa presença sem se sentir melhor e mais feliz.
Madre Teresa de Calcutá

Em deixar marcas cristãs no coração das crianças: "Se amardes deveras a Jesus Cristo, aplicar-vos-eis com todo o cuidado possível a infundir seu santo amor no coração dos meninos que estais formando, para deles fazerdes seus discípulos" (Med. 102, 2).

Um bom ambiente de escola induz à felicidade como condição indispensável à educação e à aprendizagem.

O Quociente de Felicidade (QF) é um dado básico ao desenvolvimento da inteligência. Sem se sentir bem, consigo mesmo e com os outros colegas, professores, coordenadores, orientadores... não há aprendizagem eficaz.

Pode-se afirmar que, de modo geral, as pessoas não sabem ser felizes. Não aprenderam o "como ser feliz". Há necessidade disto ser ensinado na família, na escola, e mesmo no trabalho.



Não existe, para o homem, nada melhor do que se alegrar e agir bem durante a vida.
Eclesiastes 3,13

Ser feliz é condição essencial para ser produtivo. Este é um princípio básico. O desajustado, o infeliz, não produz riqueza. O infeliz produz infelicidade.

A escola tem como um dos objetivos preparar para a vida. A felicidade deve sempre estar presente, pois é por ela que se constrói a formação.

Um traço significativo da felicidade é a alegria. Uma escola triste é uma triste escola. A escola tem que ser alegre, estimular o bom humor em seus alunos, desmistificar a seriedade, muitas vezes confundida com a disciplina, fruto da autoridade e não do autoritarismo.

É preciso sorrir mais. É o melhor cartão de visita. É uma ginástica para o rosto e para a alma.

QUE A ESCOLA FUNCIONE BEM (2)

Prof. Antônio Puhl - Niterói

Este é o segundo artigo com o título acima. No anterior dissemos que, para La Salle, a escola vai bem quando as aulas são atraentes, formadoras do caráter e da inteligência, educadoras da vontade, da fé e dos hábitos. E, para alcançar esses objetivos, diversas condições são indispensáveis e se referem: aos professores, aos alunos, às relações educativas e aos meios pedagógicos utilizados.

No primeiro artigo, nos ativemos a algumas condições referentes aos professores. Agora vamos refletir algumas questões referentes aos alunos.

“Nos seus escritos, La Salle utiliza 24 vezes a designação aluno (élève) e 71 vezes o termo discípulo. Esta preferência indica o tipo de relação sonhada pelo educador de Reims, dando ao escolar lugar no processo educativo” (Grieken, 1999, p. 81).

As crianças precisam sentir-se felizes na escola e esta deve cultivar um ambiente alegre e acolhedor. A escola, a par de todo o ensino nos diferentes componentes do currículo, não pode deixar de ter esporte, música, cantoria, etc. com o objetivo de manter um clima alegre. As paredes da escola falam, os quadros ou frases afixados nos corredores, todo o prédio transmite a sua mensagem, a mensagem dos educadores. E os alunos sentem o ambiente que se cria no espaço que é deles também.

A escola lassalista quer alunos interessados, motivados para a descoberta do saber, desejosos de crescerem “em sabedoria e graça”, integrados com os seus colegas, participativos, vibrantes. Quer alunos que tenham “brilho nos olhos e sonhos no coração”.

La Salle usava cartazes, afixados nas paredes das salas, contendo recomendações aos alunos. Assim entre outros, pode-se ver:



De outro lado, o aluno recebe uma atenção mais especial segundo suas necessidades. Os professores têm um trabalho mais discreto com os que apresentam maior dificuldade de aprendizagem ou que exigem maior atenção. Para La Salle, os professores se “ocupam mais dos pobres que dos ricos; das inteligências lentas que das brilhantes; dos caracteres difíceis que dos alunos bonzinhos; das crianças grosseiras que das de maneiras educadas” (Pontet e Pungier, 2001, p. 106).

Nenhum aluno pode chegar ao ponto de prejudicar os colegas. A educação, com efeito, se efetua tanto pelo relacionamento dos alunos entre si como pela ação dos mestres. Sabe-se que o trabalho coletivo exige regras a serem respeitadas e todos os alunos precisam tomar consciência clara disto, até como norma de cidadania.

La Salle pede aos educadores de “amar ternamente todos os seus alunos”. Importa conhecer bem a criança, a família dela, as dificuldades... para lhe ser útil, sustentando-lhe os esforços de educação. O aluno se sentindo amado abre o seu coração e os educadores conseguirão “mover os corações”, na feliz expressão de La Salle.

Na primeira aula que a Professora Ana Maria deu numa determinada turma de Artes, um aluno, feliz por tê-la como professora disse: “Professora, estou feliz porque você é nossa professora. Meu irmão foi seu aluno e ele me disse que quando você entra na sala, parece que o sol vem junto”. Que beleza! Que luz para a alma das crianças e adolescentes! É isto que todo aluno gostaria de poder dizer. E feliz e abençoado é o educador que pode receber um elogio destes de seus alunos. Parabéns, Ana Maria!

BIBLIOGRAFIA:

PONTET, Yves e PUNGIER, Jean. *La Salle e os desafios de seu tempo. Canoas, La Salle, 2001.*

GRIEKEN, G. Van. *Touching the hearts of student: characteristics of Lassalian Schools. Maryland, Christian Brothers Publications, 1999.*

FORMATIVO FAMÍLIA LASSALISTA

Associação Brasileira de Educadores Lassalistas

Província Lassalista de São Paulo

Rua Santo Alexandre, 93
Vila Guilhermina
CEP 03542-100
São Paulo - SP
www.lasalle.org.br

COMISSÃO FAMÍLIA LASSALISTA:

Ir. Amo Canísio Atz
Ir. Cassiano Freze Costa
Marcos Luciano Corsatto
Mariana Di Mango Dias

EDITORIAÇÃO:

Marcos Luciano Corsatto

REVISÃO:

Ir. Ludovico Celant

SUPERVISÃO E EXPEDIÇÃO:

Ir. Ignácio Weschenfelder
Ir. Amo Canísio Atz

IMPRESSÃO:

Gráfica e Editora La Salle
Rua Dr. Paulo César, 222
Icaraí
CEP 24220-400
Niterói - RJ
Fone (21) 2620-7326

E-MAIL:

ser@lasallebotucatu.com.br

